

# O domínio material e conceitual do turismo

Marutschka Martini Moesch

## Resumo

A pesquisa epistemológica tem significação apenas para aqueles a quem a história e as decisões humanas colocam uma questão, sem querer impor esta questão a todos, sem absolutizar um novo discurso, dominando os anteriores. Assim, retomar historicamente os conceitos que expressaram o Turismo, é colocar a crítica no contexto da produção social do conhecimento existente; compreender, isto é, arriscar-se a uma linguagem elaborada sobre o sentido e a maneira pela qual os saberes turísticos se estruturam, o que implica pesquisar as condições em que eles foram produzidos e podem ser considerados válidos.

## Palavras-chave

Turismo. Turista. Teoria do turismo. Epistemologia do turismo.

O primeiro registro da palavra Turismo remonta a 1800, no pequeno dicionário Oxford (ENGLISH DICTIONARY, 1950), onde está registrado: “Turismo: a teoria e prática de viajar, deslocar-se por lazer. Uso, depredação”. Nos estudos etimológicos da palavra, inaugurados por Fuster (1974), a raiz *tour* aparece documentada em 1760, na Inglaterra. A etimologia da palavra permite indicar sua procedência latina *tornus* (torno) como substantivo, e *tornare* (redondear, tornear, girar) como verbo. A idéia de giro, de viagem circular, de volta ao ponto de partida, se deduz, claramente, de raiz comum, que origina *tornus* e *tornare*. Parece que o *turn* britânico de 1746 (*to take a turn*) cedeu lugar, em 1760, ao *tour* que usamos de influência francesa.

A primeira vez que a palavra *tour* foi usada como título de uma obra sobre viagens, foi em 1810, em Londres, na obra de Henry Swinburne, intitulada *Picturesque Tour Spain* (FUSTER, 1974, p. 22). Para Cunha (2001) será a partir da publicação, em 1838, das *Memórias de um turista*, de Stendhal, que se generaliza a expressão *turista* (*touyiste*). Já em Portugal, será com Eça de Queiroz, no romance *Os Maias*, editado em 1888, que fica pública a palavra francesa *touriste*.

Tanto *tourist* (turista), como *tourism* (Turismo), possui a raiz *tour* e os sufixos **-ist**, **-ism**. Desde o século XII, segundo Fuster (1991:21), existe na Inglaterra o vocábulo *torn*, sendo difícil identificar quais vocábulos realmente originam-se do latim *tornus*, portanto

significando “dar a volta”. Segundo Fuster (1991:22), mais significativo que o sufixo *-er* seria o sufixo *-ist*, que permitiu à língua inglesa tomá-lo do francês *-iste*, por sua vez de origem latina, *-ista*, e grega. *Tourer e tourist* são sinônimos, mas com o tempo foi consagrada a sua forma culta. O sufixo, *-ism* para determinar o fenômeno geral das viagens tem origem no grego. Já em hebreu, *tur* corresponde ao conceito de viagem de descoberta, reconhecimento, exploração.

Para alguns autores, já no *Velho Testamento* figuraria a palavra *tour*.

*Turismo, em el sentido moderno de la palabra, es un fenómeno de los tiempos actuales, basado em la creciente necesidad de recuperación y cambio de ambiente, el conocimiento y la apreciación de la belle aescénica, el goce del contacto com la naturaleza y es, em particular, producto de la creciente fusión de las naciones y países de la sociedad humana, como resultado del desenvolvimiento del comercio, la industria, y los mercados y el perfeccionamiento de los medios de transporte (GUYER, 1905, apud FUSTER )*

Segundo o professor Fernando Jiménez G., citado por Acerenza (2000), essa seria uma das primeiras conceituações mais amplas do que é o Turismo. Em 1911, o economista austríaco Hermann Von Schattenhofen (1974, p. 21) escrevia: “Turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou Estado”.

O Turismo como objeto de estudo é apropriado no período entre a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), pois uma série de economistas em países como Alemanha, Suíça, França e Inglaterra produzem estudos a respeito, originando escolas conforme os países signatários. A *Escola Berlinesa*, radicada em Berlim (FUSTER, 1991, p. 23), publicou estudos nos anais de sua universidade. Dedicou-se ao estudo do impacto econômico produzidos pela atividade, mas na hora de definir Turismo, ficou restrita à presença do sujeito agente – o turista. Em 1929 surgiram conceituações da *Escola Berlinesa*, a partir dos esforços de Benschmidt, Glücksmann e outros. O Turismo passa a ser entendido como “um vencimento do espaço por pessoas que vão para um local no qual não têm residência fixa” (FUSTER, 1974, p. 24).

Outros autores contribuem com definições semelhantes, abrangendo aspectos de consumo de luxo, motivações pessoais, mas sem deixar de enfatizar o tráfego de pessoas, a exemplo de Morgenroth que, em seu *Dicionário Manual de Economia Política* enfatiza:

Tráfego de pessoas que se afastam temporariamente do seu lugar fixo de residência, para se deter em outro local, com o objetivo de satisfazer suas necessidades vitais e de cultura ou para realizar desejos de diversas índoles, unicamente como consumidores de bens econômicos e culturais (FUSTER, 1974, p. 25).

Para Schwink, "movimento de pessoas que abandonam temporariamente o lugar de

sua residência permanente, por qualquer motivo relacionado com o espírito, o corpo e a profissão” (FUSTER, 2001, p. 23). Burmann, em 1930 (FUSTER, 2001, p. 23), introduz o conceito de viagem de prazer característico de toda a primeira metade do século XX: “Turismo é o conjunto das viagens, cujo objeto é o prazer ou por motivos comerciais, profissionais e outros análogos e durante os quais a ausência da residência habitual é temporária. Não são turísticas as viagens (...) ao lugar de trabalho” (FUSTER, 2001, p. 24). Retocada por Benschmidt (*apud* FUSTER, 2001, p. 24), a definição é assim formulada: “o conjunto de relações pacíficas entre viajantes que se detêm num lugar, as pessoas não domiciliadas ali e os naturais dessa região”.

A *Escola Polonesa*, tendo como representante Lesczyck, propõe: “o movimento turístico é aquele no qual participam os que durante um certo tempo residem num certo lugar, como estrangeiros ou forasteiros e sem caráter lucrativo, oficial (de serviço) ou militar” (LESCZYCK *apud* FUSTER, 1974, p. 25). Norwal, em 1936, acrescenta um novo elemento ao debate – o Sujeito que viaja: “Turista é a pessoa que entra num país estrangeiro sem a intenção de fixar residência nele, ou de nele trabalhar regularmente, e que gasta naquele país de residência temporária, o dinheiro que ganhou em outro lugar” (NORWAL, *apud* FUSTER, 1974, p. 17).

Em princípio, o conceito de Turismo é derivado do tráfego de pessoas, o que é considerado pelos autores como o período da pré-história do Turismo, pois ocorreu antes de suas manifestações massivas, no qual o Turismo aparece animado pelo movimento, diga-se, tráfego de turistas entre países europeus. Para Fuster (2001, p. 25), com a proliferação das monografias sobre o tema, produzidas depois da Segunda Guerra Mundial, há uma qualificação nas conceituações, como as de Walter e Kurt (da Universidade de Berna), suíços que publicaram em plena guerra, em 1942, uma obra conjunta intitulada *Allgemeine Fremdenverkehrslehre*, quase um resumo do Turismo de massas que se multiplicou depois da guerra, no qual citam: “Turismo é o conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa” (FUSTER, 1974, p. 27).

Assim, a categoria Economia nos conceitos citados introduz análises macroeconômicas e microeconômicas de determinadas zonas, enfatizando os resultados entre oferta e demanda, a chamada teoria do consumo, bem como a difusão das riquezas turísticas, o comércio internacional e a balança do Turismo, a redistribuição de impostos, a rentabilidade da empresa turística, o desenvolvimento econômico das regiões e dos países, em síntese,

análise das manifestações do *homo economicus*, tendo como base os efeitos das viagens, conforme Fuster (1974). O Turismo como atividade econômica é exaustivamente analisado na esfera macro, a da sua produção, mas pouco visto em sua esfera micro, a dos sujeitos consumidores.

Para Fuster (2001, p. 25) o Turismo é um "conjunto de fenômenos originados pelas viagens, seguindo a definição de Hunziker e Krapf, originários em um mercado formando e engrossando as correntes turísticas e dirigindo-se aos núcleos receptores". O mesmo autor identifica aqueles que estudam o *lado dinâmico*, tendo como característica principal a mudança de lugar, as correntes turísticas, ou os que o observam pelo lado estático, ou seja, a chegada das correntes turísticas. Ressalta, nessas conceituações, a importância dos efeitos econômicos nos núcleos receptores, e não o interesse teórico de conhecimento do fenômeno, ou então a sua apreensão metodológica, enquanto um objeto de conhecimento.

A Sociedade das Nações, em 1937, determina um critério estatístico para definir a categoria de turista: "Toda a pessoa que viaja durante 24 horas ou mais por qualquer outro país distinto da sua residência habitual" (Fuster, 1974, p. 17). Tal definição está vinculada à construção racional das estatísticas turísticas; portanto, o termo Turismo deve ser interpretado, em princípio, como o indicativo de toda a pessoa que viaje durante 24 horas ou mais por qualquer outro país que não o de sua residência (Fuster 2001, p. 25).

Assim, para o conceito de turistas, tem-se as pessoas que efetuam viagens por prazer ou por razões de família, saúde, etc., ou aquela motivada por uma reunião ou na qualidade de servir (cientistas, administradores, diplomatas, religiosos, desportistas, etc.), as pessoas que viajam por negócios. Os visitantes dos cruzeiros marítimos, incluídos quando a duração de sua estadia é inferior a 24 horas, devem ser contados à parte, segundo sua distinção, segundo domicílio habitual.

Para a Sociedade das Nações (2001), não são turistas as pessoas que chegam com contrato de trabalho, ou não, para ocupar um emprego no país, ou para exercer uma atividade profissional; pessoas que venham a fixar residência no país, os estudantes e jovens hospedados em alojamentos ou pensões de escolas, os moradores naturais e pessoas domiciliadas num país e seu trabalho em outro; os viajantes em trânsito com estada no país, inclusive quando a travessia do mesmo teve mais de 24 horas.

Assim, Fuster (2001, p. 26) conclui: "Turistas são todos aqueles que se deslocam fora de seu domicílio habitual com a intenção de regressar. Etimologicamente, a palavra *tour* é tão explícita como para implicar a volta, e só ela." Portanto, o espaço onde ocorre o "tráfego de turista" é tão só os mercados turísticos, de circulação e tráfego dos núcleos receptores,

divididos em zonas emissoras e receptoras, bem como correntes turísticas tradicionais ou renovadas; espaços demarcados por limites, fronteiras nacionais, tempo de viagem, que distinguem os estrangeiros, como visitantes temporários, os quais necessitam de serviços, recreação e entretenimento. Esta categoria também deve submeter-se às mutações da experiência histórica, que se impõem como continuidades que fluem e invadem a percepção da existência de valores culturais, a interferir nos comportamentos e nas ações dos sujeitos na trama de todos os dias, constituindo a busca de novas experiências, através de viagens. O Espaço turístico não é visto como expressão da sociedade em sua totalidade.

O limite na concepção histórica proposta restringe assim o conceito *tour*, que absorveu todos os tipos de viagens, ou melhor, segundo Fuster (2001, p. 26), que concentrou nessa síntese todo o conteúdo do processo de viagens; afirma que a causa foi a mentalidade da época antiturística-pragmática, que descreve um *tour* como uma aventura com o propósito em si mesmo, o que poderíamos analisar como uma visão dicotômica entre a racionalidade fechada que embrenhara o pensamento moderno da época, 1800, e/ou o conceito de Aristóteles sobre o prazer.

De acordo com Aristóteles (1999), o prazer é um ato completo em si mesmo, não tende para nada, senão para ele próprio. Não é a transição de potência ao ato, mas o ato em si e por si. Não é um "devir", não possui começo nem fim, mas é um momento pleno e completo. O prazer, para Aristóteles, não estabelece qualquer relação com o contexto e também não representa o objetivo da vida, mas as pessoas aspiram a ele porque desejam viver, e a vida é uma atividade que recebe do prazer um sentido a mais, aumentando o desejo de continuar vivendo. Dentro do contexto histórico de 1800, quando se registra o termo *tour*, o prazer hedonista pregava a contraposição ao pecado, apregoado pelo pensamento e comportamento judaico-cristão.

Também é necessário lembrar que o pensamento pragmatista preserva a noção de "correspondência com a realidade" (RORTY, 1982, p. 24). A verdade acerca do mundo consiste numa relação de correspondência entre certas frases e o próprio mundo. Ir e voltar, transposição de espaço e tempo, significava, correspondia a um *tour*. A noção de *real* parece funcionar como uma maneira de anunciar uma interpretação privilegiada. Tentar dizer o que é o real, em última instância, é procurar um discurso, uma interpretação à qual se daria um estatuto privilegiado. Dizer que "isso é realmente isto", é privilegiar a segunda interpretação (isto) sobre a primeira (isso). Por exemplo, se a mentalidade da época do registro do termo *tour* foi absorvendo todas as outras formas de viagem, segundo Fuster (2001), então *tour* era realmente todo o tipo de viagem; assim, "turista é aquele que faz um *tour*, independentemente

de suas motivações" (FUSTER, 2001, p. 26).

Quando se está habituado a ver o mundo de certo modo, torna-se quase impossível ver as coisas de maneira diferente. Questionar esta visão criaria uma profunda crise afetiva. A visão que se tem do mundo surge, então, como absolutamente objetiva. Isto pode ir até o ponto em que, se, em determinada sociedade, alguém negasse essas visões "necessárias", ela seria rapidamente declarada louca. O que coloca uma questão em relação ao conceito de loucura: dizer que alguém é louco possui uma significação absoluta ou significa simplesmente que a sua visão do mundo não se integra bem na constituição imaginária do mundo de sua sociedade (FOCAULT, 1979).

Por outro lado, a razão, a racionalidade, tão cara ao pensamento moderno, é uma qualidade muito importante da mente, do espírito humano. Mas quando a especialização faz com que cada pessoa, cada especialista ou *expert* seja capaz de ver unicamente a porção, seu pedaço do alimento – o alimento é cortado em pedacinhos sem relação alguma com os outros – esta razão limitada é uma racionalidade fechada. Ora, a definição de turista é a releitura de um certo núcleo de elementos do mundo por meio de uma teoria: é, portanto, uma interpretação. Assim, as definições de Turismo e Turista descritas não são o ponto de partida de um estudo epistemológico do Turismo, mas o resultado de um processo interpretativo teórico.

Requer desvelar como foram sendo construídas as interpretações hoje definidas como Turismo, que ora é uma indústria, ora um conjunto de turistas, ora todos os equipamentos de serviços e entretenimento. Também é Turismo o corpo das organizações privada e pública; as campanhas de promoção; a criação de centros de informações; a criação de escolas para o ensino do Turismo, etc., não esquecendo que Turismo são os efeitos positivos e negativos que se produzem junto às comunidades receptoras.

Constatamos que as definições, ora restritas, ora genéricas e amplas, são resultados de observações empíricas que estabelecem, em nome de percepção e de critérios teóricos, relações de equivalência entre o que eu poderia também considerar como diferente.

A generalização das viagens ao longo do século XIX foi produzindo um curioso efeito no núcleo receptor... O país que recebia os turistas vivia sua própria vida, sem ser afetado por eles. Mas no momento em que o país tem que ir se equipando na área de transportes e hotelaria, indústrias que começam a conhecer o valor econômico dos viajantes. Surgem pouco a pouco, organizações para a defesa e promoções dos interesses comuns... Em 1828, Genebra registrou 50.000 estrangeiros; desde 1860 os Estados Unidos enviava uns 40.000 americanos à Europa; em 1878 Cook transportou 75.000 pessoas para a Exposição de Paris; em 1910 Mônaco... recebeu no Principado um milhão e meio de turistas. Como é lógico supor, estas massas vão configurar a vida inteira dos núcleos receptores. Já não cabe uma atitude

indiferente ante aquele primitivo turista isolado de antes. O núcleo inteiro vai ser impregnado de Turismo (FUSTER, 2001, p. 26).

A semelhança não é recebida de forma passiva na observação, mas é decidida em uma visão teórica. E por meio de uma decisão (nem sempre consciente ou explícita). O mesmo ocorreu com a noção de “Turismo”: foi por meio de uma decisão que foram agrupadas, ou não, atividades bem diferentes estruturando teoricamente um conceito.

Com eles chegamos, pois, a palavra mágica: Turismo. O que é o Turismo? Turismo é, por um lado, um conjunto de turistas, que cada vez são mais numerosos; por outro, são os fenômenos e relações que esta massa produz em consequência de suas viagens (FUSTER, 2001, p. 26).

Assim, a definição de Turismo não é um ponto de partida, mas resultado de um processo interpretativo teórico. A conceituação de Turismo mais aceita é a da OMT (1992, p. 19): “Soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporária e voluntária motivada por razões alheias a negócios ou profissionais”.

Do mesmo modo, não se começou definindo turista para então ver como encontrá-lo. Na realidade a teoria do Turismo desenvolveu-se pouco a pouco, após o que se pôde definir o que se entende pelo termo. De igual modo, consideramos o conceito de um centro de gravidade ou de uma alavanca de teorização proposta.

“Turistas: visitantes que permanecem no país visitado pelo menos uma noite; por exemplo, um visitante de férias durante duas semanas, segundo a Comissão de Estatísticas das Nações Unidas, a partir de 1993” (MCINTOSH, 2000, p. 26).

O que para um discurso é um objeto de uma definição, turista como número estatístico que percorre tempo e espaço pré-definido, seria para um outro discurso o objeto de uma proposição teórica, que não pode ser compreendido fora do âmbito de uma análise, a compreensão histórica da fazedura desse discurso. As definições e os processos teóricos têm por efeito dar-nos “objetos científicos padronizados; assim, jamais se encontra o turista”, mas tal turista – particular diferente de um outro. O conceito de Turismo e turista, o modelo, a teoria utilizada, permitem pensar um objeto teórico que, em nosso raciocínio, substituirá o concreto do Turismo.

Os autores mais contemporâneos, influenciados pelo crescimento vertiginoso do Turismo e suas manifestações multifacetadas, ampliam suas conceituações. Dentre eles, Fuster para quem:

Turismo é, de um lado, conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos,

guias-intérpretes que o núcleo deve habilitar, para atender às correntes [...]. Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem, para fomentar a infra-estrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda [...]. Também, são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras (FUSTER, 1974, p. 29).

Mas tanto Fuster como De La Torre partem de premissas deterministas para conceituar o Turismo:

O Turismo é um fenômeno social, que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (DE LA TORRE, 1992, p. 19).

O avanço do fenômeno turístico, através da sua utilidade, permite aos economistas ampliar o crescimento das taxas de desenvolvimento das diferentes regiões. Este contexto histórico corrobora a vertente pragmática, segundo a qual o Turismo é tomado como uma atividade de forte apelo econômico. Quanto mais cresce, mais gera novas necessidades: hotéis, estradas, comunicações, restaurantes, artesanatos, entretenimento, gerando uma espiral de bens e serviços, os quais, para servirem aos turistas, empregam mais mão-de-obra. Portanto, o fenômeno se configura como uma “indústria sem chaminés”, segundo alguns economistas e planejadores públicos.

Mas será em 1942 que os professores suíços Hunziker e Krapf brindam uma definição que será assumida de forma generalizada pelos especialistas, sendo adotada pela Associação Internacional de Especialistas e Cientistas em Turismo (AIEST).

*Turismo es el conjunto de las relaciones y fenómenos producidos por el desplazamiento y permanencia de personas fuera de su lugar de domicilio, en tanto que dichos desplazamientos y permanencias no estén motivados por una actividad lucrativa principal, permanente o temporal (ACERENZA, 2000, p. 28).*

Para Acerenza (2000) essa escola funda o que conhecemos como o estudo científico do Turismo.

Além destas conceituações, foram elaboradas outras, pela chamada *Escola Polonesa*, como a de Lesczyck (1974, p. 25): "O movimento turístico é aquele no qual participam os que durante um certo tempo residem num certo lugar, como estrangeiros ou forasteiros e sem caráter lucrativo, oficial (de serviço) ou militar." Mais tarde, outros estudos, fora da *Escola Berlinesa* deram origem a outras conceituações, algumas pobres, outras com maior visão, mas todas, enfatizando o volume turístico.

Só nos anos 1950 e 1960, o fenômeno turístico começou a ser visto no que Fuster (1991) denomina "lado teleológico" do deslocamento, ou seja, o "lado de fuga", com uma fuga



não só de pessoas senão também de capitais, devido aos efeitos negativos da balança de pagamentos.

Ressaltamos, nessas conceituações, a importância dos efeitos econômicos nos núcleos receptores, e não o interesse teórico do conhecimento do fenômeno, ou então a sua apreensão metodológica, enquanto um objeto de conhecimento. Para Burkart e Medlik (1974, p. 29):

(...) o Turismo é uma amálgama de fenômenos e relações, fenômenos estes que surgem por causa do movimento de pessoas e sua permanência em vários destinos. Há um elemento dinâmico – a viagem, e um elemento estático – a estada. A viagem e a estada acontecem fora do lugar de residência, as pessoas desenvolvem atividades diferentes de seu cotidiano. O movimento de pessoas, também, é particular, por ser temporário – o turista sempre pensa em voltar para casa em pouco tempo. A visita ao local não visa ao lucro, portanto as motivações devem obedecer a razões espirituais ou vitais, mais próprias e íntimas.

Para Wahab (1977), outros fatores são necessários a fim de distinguir o Turismo do simples ato de viajar, ou seja, quais os objetivos dessa viagem, tendo a natureza temporária do deslocamento, a utilização dos serviços e equipamentos turísticos, e o que seria mais importante dentre eles, a noção de prazer e recreação como fundamental.

A escola portuguesa é sustentada pelas obras de Baptista (1997) e Cunha (2001). Baptista (1997) define o Turismo pelo conceito de turista, sendo este um indivíduo em viagem cuja decisão foi tomada com base em percepções, interpretações, motivações, restrições e incentivos e representam manifestações, atitudes e atividades relacionadas a fatores psicológicos, educacionais, culturais, técnicos, econômicos, sociais e políticos. A viagem envolve uma multiplicidade de agentes institucionais e empresariais, desde sua partida até sua volta, situação que, por isso, também se estende ao próprio Turismo como setor de atividade que, sendo fundamentalmente econômica, tem igualmente significados, implicações, relações e incidências sociais, culturais e ambientais.

Tal como concebemos na atualidade, o Turismo resulta fundamentalmente do lazer, embora muitas das viagens,...[que] integram o conceito de Turismo se realizem no exercício de uma atividade profissional....Nestes termos o Turismo é uma das formas de ocupação dos tempos livres que integra o conceito de recreio entendido este como o conjunto de atividades exercidas por quem dispõe de tempo livre. (CUNHA, 2001, p. 13).

O mesmo autor complementa que o Turismo origina um conjunto variado de atividades produtivas que visam satisfazer às necessidades de quem se desloca, e, portanto, às de um mercado (CUNHA, 2001). Uma conceituação mais complexa é a de De La Torre (1994, p. 19):

A relação deste contexto histórico, nos desvelamentos do fenômeno turístico, determina um reducionismo em seu tratamento epistemológico. O Turismo é entendido como atividade econômica, portanto, seu estudo passa a ser recheado de índices estatísticos, projeções de crescimento, planos e projetos em nível macro e micro, estudos de demandas, viabilidade econômica de investimento, custo-benefício entre produção e consumo.

Mathienson e Wall (1982) definem Turismo como uma mobilização temporal desde um destino longe do lugar de trabalho habitual e de residência, as atividades realizadas durante a estada nesses destinos e as facilidades para satisfazer as suas necessidades turísticas.

Para Sessa (1983), representante da escola italiana de Turismo, deve-se dar um tratamento científico ao fenômeno, pois este representa uma nova ciência; mas o objeto deste conhecimento pertence, indubitavelmente, às ciências sociais. Interessa à Economia, à Sociologia por seus aspectos sociais, à Geografia por seu conteúdo espacial, à Psicologia individual e social pelo comportamento individual, social e de grupo do turista e pela investigação motivacional que lhe é conexas.

Na realidade, no Turismo, o epicentro do fenômeno é de caráter humano, pois são os homens que se deslocam e não as mercadorias. Isto complica, posteriormente, o esforço de uma argumentação sistemática desta realidade. Basta que se pense na série importante de inter-relações humanas que deriva do comportamento consumidor-turista com os grupos de habitantes do local de férias; enfim, todo o complicado processo de identificação do turista com o grupo ideal ou efetivo que determina a escolha da localidade de destino (SESSA, 1983).

A produção do saber turístico, de modo geral, e de modo específico no Brasil, se constitui num conjunto de iniciativas do setor privado, empresarial e muito pouco de academias, sejam universidades e/ou faculdades públicas ou particulares. Este contexto permite delinear a hipótese de que o saber turístico é um fazer-saber, não existindo saber além daquele que resulta de um fazer saber.

O saber turístico é reduzido às informações e sistemáticas sobre o seu setor produtivo. A produção acadêmica surge no mundo de forma mais ampla na década de 1960, mas apenas em 1999 somam-se 50 publicações no mundo, segundo dados do professor Chuck Goeldner, o editor-chefe do *Journal of Travel Research* (JTR). No Brasil a pouca produção acadêmica exemplifica esta assertiva; em 17 anos apenas 55 dissertações e teses foram elaboradas, conforme estudo realizado por Rejowski (1996), número insuficiente para construir uma linha de pesquisa substancial na sustentação de uma teoria do Turismo, ou seja, no desvelamento de sua epistemologia.

Para Olsen (2003), durante os anos 1950 até os anos de 1960, ocorreu o início do

desenvolvimento das revistas acadêmicas, mas pouca atenção foi dada aos processos de revisão de disciplinas universitárias, restritas à reprodução de conteúdos editoriais de um pequeno número de acadêmicos. Já na década de 1970, os acadêmicos foram pressionados a publicar contribuições mais cuidadosas e de valor ao saber turístico; mas infelizmente, segundo o pesquisador, o trabalho e avaliação permanecem insulares, e essa abordagem deixou a pesquisa num estágio primitivo.

A diversidade dos tipos de estudos efetuados na área espelha a interdisciplinaridade do seu objeto. Paradoxalmente, há que reconhecer, nos estudos já publicados, o tratamento reducionista dado ao objeto turístico. Boa parte destas análises ora o enfoca sob a égide economicista como uma atividade, apenas econômica, ora sob a ótica sistêmica, tratando-o como um subsistema. Tanto em uma análise como na outra, o enfoque parte de uma premissa determinista.

Conseqüentemente, os estudos são fragmentados, desarticulados, unilaterais, com insuficiência metodológica, apresentando ausência, salvo exceções pontuais, de um espírito crítico passível de autonomia intelectual, possibilitando a construção de um campo teórico. Inexiste clareza epistemológica para a construção de teorias turísticas dentro da academia. A tradição cartesiana, predominante no saber científico, fundamenta a análise pela separação, do todo, em categorias, pressupondo que um campo do saber é suficiente para analisar e organizar as partes constituintes deste todo.

A interdisciplinaridade, existente na análise do Turismo, enquanto fenômeno social, cultural, comunicacional, econômico e subjetivo, avança a fronteira de uma única disciplina ou de um único campo do saber. Cabe à academia propor novas abordagens. A concepção interdisciplinar vem ao encontro enquanto método investigativo. Impõe um exercício fecundo sob o ponto de vista epistemológico, não deixando de salientar sua demasiada ousadia, diante dos nichos particularistas existentes nas universidades, onde os clássicos campos do saber são criteriosamente delimitados.

Beni (1998) avança na construção do campo metodológico, quando propõe fundamentos a uma teoria dos sistemas aplicados ao Turismo. Das definições econômicas e técnicas, o pesquisador aponta as definições holísticas do Turismo como as mais apropriadas na apreensão do fenômeno. Cita alguns elementos importantes no estudo, como viagem e deslocamento, permanência fora do domicílio, temporalidade, sujeito, objeto do Turismo. O elemento concreto do fenômeno traduz-se no equipamento receptivo e no fornecimento dos serviços para a satisfação das necessidades do turista, que se denomina Empresa de Turismo. Ela é complexa e, em grande parte, responsável pela produção, preparação e distribuição dos

bens e serviços turísticos. Pode-se conceituar bem turístico como todos os elementos subjetivos e objetivos ao nosso dispor, dotados de apropriabilidade, passíveis de receber um valor econômico, ou seja, um preço.

Compreender a problemática do desenvolvimento crescente da atividade turística é relevante não só à medida que seus produtores, vendedores intermediários, consumidores continuam produzindo, vendendo e consumindo sem limites ou critérios, sem outro fim que o próprio benefício do primeiro e a satisfação egoísta do consumidor, mas pela persistência do problema, disfarçado nas concepções implícitas destes conceitos.

“Partir de férias” é um acontecimento dotado de particular significado para cada Sujeito. Existe, hoje, uma abundância fantástica de apelos publicitários, para que o maior número de pessoas viaje. A maquinaria material das comunicações e do espetáculo permanente, celebrando o consumo de objetos, é muito mais forte do que os apelos de proximidade social entre diferentes sujeitos. Não viajar para alguns é como não possuir um carro ou uma bela casa. É algo que confere *status*, distinção, é um bem cultural.

### **Referências Bibliográficas**

- ACERENZA, Miguel. Administración del Turismo: conceptualización y organización. ed. Trillas, México, 2000
- ARISTÓTELES A dialética materialista. categorias da lei da Dialética. São Paulo. Alfa-Omega, 1999
- BAPTISTA, Mário, Turismo e competitividade sustentável. Lisboa: Verbo, 1997
- BENI, M. C. Análise estrutural o Turismo. ed. SENAC São Paulo, 1998
- BURKART E MEDIK in Fuster, Fernandez. Teoria y Técnica del Turismo, 4 ed. Madrid: nacional, 1974
- CUNHA Licínio, Introdução ao Turismo, ed. verbo, Lisboa – São Paulo, 2001
- DE LA TORRE. Oscar . El turismo- fenómeno social México, Fondo de Cultura Económica, 1992
- DE LA TORRE, Oscar ob.cit.
- FOCAULT, Michel. Microfísica do poder. 12ª ed. Graal, Rio de Janeiro, 1961
- Fuster, Fernandez, Introdução a Técnica e Teoria del Turismo. 4 ed. Madrid: Nacional, 1974
- FUSTER, Fernandez . Introducción a la Teoria y Técnica del Turismo. Madrid, Alianza editorial, 1991
- FUSTER, Fernandez. Op. Cit 1991
- MATHIENSON, A. e WALL, G . Tourism: Economic, Phisical, and Social Impacts, Londres, Longman, 1992
- MCINTOSH Planeación, administración y perspectivas. México, Limusa Wiley, 2000
- OLSEN, Michel. Pesquisa e teorias sobre hospitalidade; uma revisão, in Lockwood e S. Medlik, Turismo e hospitalidade no séc. XXI, SP, Manole, 2003
- OMT . Anuário de estatísticas del turismo, Ed. Madri, vl. 1, 1992
- REJOWSKI, Mirian (1996). *Turismo e pesquisa científica*. Campinas: Papirus, .
- RORTY, A. A filosofia e o espelho da natureza. R. Janeiro. ed. Relume Dumará,
- SCHATTENHOFEN, V. in Fuster, F. op. cit. 1974
- SESSA, Alberto. La Scienza dei Sistemi per lo sviluppo del turismo. Roma: Agnesotti, 1983

WAHAB ,Salah. Introdução á Administração do Turismo, São Paulo, ed. Biblioteca Pioneira, 1977